

## **Templo Escola e a formação sacerdotal de Umbanda em Santa Cruz do Sul**

*Ângela Cristina Trevisan Felippi<sup>1</sup>  
Ana Claudia de Almeida<sup>2</sup>*

**Submetido em: 24/10/2023**

**Aceito em: 18/11/2023**

### RESUMO

As religiões afro-brasileiras são importantes manifestações religiosas e culturais que permitem ao afrodescendente se enxergar e se construir enquanto sujeito em uma comunidade. A Umbanda, mais abasileirada e mista, mesmo sendo classificada por alguns como “esbranquiçada”, ainda assim é uma maneira de o sujeito negro manifestar a sua origem, uma origem que por séculos tentou-se apagar, após a diáspora da vinda ao Brasil. A partir de referências dos Estudos Culturais, estuda-se o surgimento dos Templo Escolas, particularmente o Templo Escola Beira Mar, em uma cidade como Santa Cruz do Sul - RS, como bastante significativo, como forma de democratizar e difundir a religião Umbanda. O estudo teve base bibliográfica, composto ainda por entrevista e observação assistemática. O movimento, além da disseminação do conhecimento, traz visibilidade aos segmentos historicamente marginalizados da sociedade, ou seja, os negros, os indígenas e os pobres em geral.

### PALAVRAS-CHAVE

Religião; Umbanda; Templo Escola; Representatividade; Cultura.

## **Temple School and the priestly training of Umbanda in Santa Cruz do Sul**

---

<sup>1</sup> Professora Pesquisadora dos programas de pós-graduação em Letras e em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul – RS. Doutora em Comunicação Social pela PUCRS, estágio doutoral sanduíche pela Universidad Católica del Uruguay. Líder do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Regional e Processos Socioculturais (UNISC).

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bolsistas PROSUC/CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa em Leitura Comparada das Mídias (UNISC). Mestre em Letras pela UNISC. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); e em Jornalismo pela UNISC.

## ABSTRACT

Afro-Brazilian religions are important religious and cultural manifestations that allows the afro-descendant to see and build himself as a subject in a community. Umbanda, more Brazilian and mixed, is classified by some as “whitish”, but is still a way for the black subject to manifest his origin, an origin that for centuries was tried to erase, after the diaspora of coming to Brazil. Based on references from Cultural Studies, the emergence of the Templo Escolas, particularly the Templo Escola Beira Mar, in Santa Cruz do Sul - RS, is studied as quite significant, as a way of democratizing and spreading the Umbanda religion. The study was bibliographically based, also consisting of interviews and unsystematic observation. The movement, in addition to disseminating knowledge, brings visibility to historically marginalized segments of society, that is, blacks, indigenous and the poor in general.

## KEY-WORDS

Religion; Umbanda; Temple School; Representativeness; Culture.

## Templo Escuela y formación sacerdotal de la Umbanda en Santa Cruz do Sul

## RESUMEN

Las religiones afrobrasileñas son importantes manifestaciones religiosas y culturales que permiten a los afrodescendientes verse a sí mismos y construirse como sujetos de una comunidad. La Umbanda, más brasileña y mestiza, aunque algunos la clasifiquen como “blanca”, sigue siendo una forma para que los negros expresen su origen, un origen que durante siglos se intentó borrar, después de la llegada de la diáspora a Brasil. A partir de referencias de Estudios Culturales, se estudia como muy significativa la aparición del Templo Escola, particularmente del Templo Escola Beira Mar, en una ciudad como Santa Cruz do Sul - RS, como forma de democratización y difusión de la religión Umbanda. El estudio tuvo una base bibliográfica, consistiendo también en entrevistas y observación no sistemática. El movimiento, además de difundir conocimientos, brinda visibilidad a segmentos históricamente marginados de la sociedad, es decir, los negros, los indígenas y los pobres en general.

## PALABRAS-CLAVE

Religión; Umbanda; Escuela del Templo; representatividad; Cultura.

## Os cultos de um continente

*“Quando o barco ancorou, muitas pessoas se aproximaram falando a língua do Brasil, que, para mim, continuava parecendo mais música do que qualquer outra língua que eu já tinha ouvido. Alguns brancos acompanhavam um ou outro desembarque, mas a grande maioria era de pretos como nós, com tons de pele e*

*aparências tão diferentes uns dos outros que eu imaginava ver uma África inteira em um só lugar”.*

*Ana Maria Gonçalves (2009), em Um defeito de cor.*

Escrever sobre as religiões afro-brasileiras<sup>3</sup> não é tarefa simples. Há um emaranhado de informações e um tanto de ignorância sobre o assunto. Mesmo o “batuque” estando presente no imaginário coletivo de todo brasileiro, ainda é pouco o que se estuda acerca dessas importantes manifestações religiosas e culturais. E isso se dá porque, segundo Silva (2005), tratam-se de religiões originárias de segmentos historicamente marginalizados na nossa sociedade (negros, indígenas e pobres em geral). E essa grande parcela da população sempre foi colocada à tangente, sendo que as religiões afro-brasileiras e, particularmente as de matriz africana, tiveram o mesmo destino, carregando por séculos os grilhões da discriminação e da perseguição.

Possivelmente um dos inúmeros motivos de intolerância esteja ligado ao fato de que os cultos afro-brasileiros são religiões politeístas, que se usam de transe e, em algumas linhas, de oferendas com animais. E isso diverge do modelo judaico-cristão de religiosidade dualista, trazido junto com os portugueses quando da colonização do Brasil: entre o bem e o mal, o céu e o inferno, deus e demônio. Assim, os cultos afro-brasileiros são associados, de maneira estereotipada e incipiente, à “magia negra”, à coisa ruim (SILVA, 2005).

Sabe-se que as pessoas que vieram escravizadas para o Brasil, na segunda metade do século XVI, eram originárias de diversas regiões do enorme continente africano. Lá, cada grupo distinto possuía suas crenças, costumes e idiomas/dialetos. Contudo, com a chegada abrupta ao Brasil, conforme Correa (2006), inúmeras etnias precisaram se adaptar e recriar maneiras para que, de uma forma ou de outra, sua cultura religiosa e suas raízes não se perdessem.

Assim, o chamado “calundu” – que até o século XVIII era uma nomenclatura frequente para os credos africanos no Brasil – foi marcado pela necessidade dos grupos negros de reelaborarem sua identidade social e religiosa sob a imposta condição da escravidão. Tempos depois apareceu o nome Candomblé, de fato (SILVA, 2005).

---

<sup>3</sup> Usa-se a nomenclatura “religiões afro-brasileiras” no estudo, e não “religiões de matriz africana”. Entende-se que a nomenclatura religiões afro-brasileiras denomina melhor todos os credos com muita ou alguma origem da África – como é o caso da Umbanda.

Ou seja, as religiões afro-brasileiras são retomadas culturais, adaptações dos cultos originais africanos. Segundo Ortiz (1978), o culto dos deuses africanos no Brasil é fruto da memória coletiva negra que resistiu aos efeitos devastadores do tráfico negreiro e do sistema escravista. De acordo com Speroni (2018, p. 17):

[...] as recriações religiosas foram acontecendo no decorrer do tempo, a cultura dos povos Bantos e Sudaneses foram deixando as suas marcas em nossa história. A herança religiosa que ainda é preservada originou variadas adaptações no Brasil, que englobam o que hoje chamamos de religiões de matriz africana (SPERONI, 2018, p. 17).

A autora destaca uma particularidade, de que “as chamadas religiões de matriz africana são as que preservam mais características africanas, enquanto, as afro-brasileiras nascem a partir de características e sincretismos de outras culturas religiosas da matriz, mas também com elementos do culto indígena” (SPERONI, 2018, p. 17).

Logo, a Umbanda, aqui estudada, é uma religião afro-brasileira. E é diferente do Candomblé (nascido na Bahia), e da Nação ou Batuque do Sul que, segundo Santos (2022), é um credo com vertente no Candomblé e cujo precursor teria sido Príncipe Custódio<sup>4</sup>. Conforme Speroni (2018), no Rio Grande do Sul existem três vertentes afro-religiosas mais expressivas, que são a Umbanda, o Batuque e a Linha Cruzada<sup>5</sup>.

Com Hall (2016), entende-se cultura como um dos conceitos mais complexos que se tem para estudar nas Ciências Sociais, Humanas e Aplicadas. Os Estudos Culturais promoveram o alargamento do termo, pensando a partir de um mesmo campo a constituição de representações e sentidos sociais, as práticas culturais, assim como a produção cultural das indústrias culturais e das artes. Com isso, a categoria teórica da cultura popular é considerada

---

<sup>4</sup> Custódio Joaquim de Almeida, popularmente conhecido como Príncipe Custódio ou Príncipe de Ajudá, chegou ao Brasil em torno de 1864, e era oriundo de alguma região da África Ocidental. Segundo Gomes (2017), ele teve forte presença política, social e religiosa na capital do Rio Grande do Sul, onde faleceu, em sua casa, na Cidade Baixa, em 28 de maio de 1935. Segundo os periódicos da época, morreu aos 104 anos. De acordo com Gomes (2017), Custódio, que sempre foi homem livre, era sacerdote do batuque, e a ele são atribuídos assentamentos em locais diversos da cidade. O assentamento de maior destaque seria o do Bará do Mercado, contudo, este fato é controverso. Segundo Zero Hora (2020), a primeira versão é de que foram os escravos na época da construção do **Mercado Público que sentaram o Bará** (que pode ser uma pedra, pedaço de madeira, de metal, ou um punhado de terra). Custódio foi uma figura fundamental para a consolidação dos cultos de matriz africana, religiosidade que na cidade e no estado passou a ser conhecida como “batuque”.

<sup>5</sup> Chama-se Linha Cruzada quando há a mistura do Batuque com a Umbanda, ou seja, das práticas com corte (sacrifício de animais), que são mais similares ao Candomblé, com as práticas da Umbanda, em que não há o corte (SANTOS, 2022).

na relação com outras categorias culturais, desierarquizada, compreendida como um modo de (re)acionar o que circula no social. Portanto, ao definirmos os Estudos Culturais para o enfrentamento da formação para a Umbanda, o artigo se aproxima das temáticas afetas à Folkcomunicação, uma vez que aciona uma abordagem teórica que permite compreender as manifestações culturais dos grupos colocados na subalternidade<sup>6</sup>.

Assim, o artigo visa apresentar o Tempo Escola Beira Mar, de Santa Cruz do Sul, RS, enquanto espaço de formação para a Umbanda, e local de vivência cultural e comunitária dos afrodescendentes. Com base nos Estudos Culturais e em outras bibliografias relacionadas o estudo teve base bibliográfica, somada à realização de duas entrevistas e de observação assistemática ao Tempo Escola<sup>7</sup>.

## A Umbanda: uma religião brasileira

A palavra Umbanda, possivelmente, “vem da língua umbundo falada pela tribo do mesmo nome” (KLOPPENBURG, 1961, p. 47). De acordo com Gomes (2017, p.37):

[...] Umbanda, surgida no Rio de Janeiro no começo do século XX, chamada em outras localidades de Umbanda Linha Branca, cuja estrutura dos elementos são proveniente das religiosidades católicas, africanas, indígenas, orientais e do espiritismo kardecista. O culto centra-se no trabalho com pretos velhos e caboclos, os primeiros formados por entidades que teriam sido pessoas escravizadas em outras vidas; os segundos seriam entidades indígenas relacionadas às práticas de cura (GOMES, 2017, p.37).

Há algumas versões contadas para o surgimento da Umbanda. A mais conhecida afirma que a Umbanda nasceu em uma sessão espírita em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, no dia 15 de novembro de 1908. Na ocasião, o médium Zélio de Moraes teria incorporado o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que anunciou a nova religião (SANTOS, 2022; RIBAS, 2022).

O credo foi chamado, em primeiro momento, de baixo espiritismo, visto que várias características da Umbanda se parecem com as do espiritismo de Allan Kardec (OLIVEIRA, 2017). Segundo Silva (2005), a Umbanda é uma religião à moda brasileira. Logo, Speroni (2018, p.51)

---

<sup>6</sup> Os Estudos Culturais concebem a relação estreita entre comunicação e cultura, sendo a cultura a mediação central na constituição do social e a comunicação o processo pelo qual a cultura acontece, sendo também resultado dela.

<sup>7</sup> Colaborou na elaboração da pesquisa bibliográfica e de campo Caroline dos Santos, <http://lattes.cnpq.br/6472374769134203>

afirma que “a Umbanda seria a religião mais brasileira englobando elementos do catolicismo popular do espírito kardecista e das religiosidades indígenas e africanas”.

Silva (2005) destaca que a Umbanda tem formação mais recente que o Candomblé, e surgiu de grupos de classe média da zona urbana. Para o autor, é importante destacar que há uma complexidade de semelhanças e de diferenças entre as religiões afro-brasileiras.

Conforme Silva (2005, p.106),

[...] a umbanda, como culto organizado segundo os padrões atualmente predominantes, teve sua origem por volta das décadas de 1920 e 1930, quando kardecistas de classe média, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, passaram a mesclar com suas práticas elementos das tradições religiosas afro-brasileiras, e a professar e defender publicamente essa “mistura”, como o objetivo de torna-la legitimamente aceita, com o *status* de uma nova religião (SILVA, 2005, p.106).

Assim, para Silva (2005), as origens afro-brasileiras da Umbanda trazem em sua organização o culto às entidades africanas, aos espíritos ameríndios (caboclos), aos santos do catolicismo e a entidades do kardecismo. Pode-se dizer que a Umbanda, então, é uma forma intermediária de cultos populares que já existiam no país (SILVA, 2005).

Vale lembrar que Ramos (1940) deixa evidente que as religiões, por mais consolidadas que forem, mesmo entre povos mais cultos, não existem em estado puro. “Ao lado da religião oficial, há outras actividades subterrâneas” (RAMOS, 1940, p.35).

De acordo com Speroni (2018), no estado do Rio Grande do Sul, a Umbanda não demorou a apontar. Ela surgiu na cidade de Rio Grande, no ano de 1926, com um ferroviário chamado Otacílio Charão.

## O surgimento dos templos escolas de umbanda

Acredita-se que desde os mais remotos tempos de que se tem notícias da humanidade já existam sacerdotes. Etimologicamente a origem da palavra *sacerdote* deriva do latim “*sacerdosotis*”, que significa padre (HOUAISS, 2001). O sacerdote é aquele que ministra os sacramentos de uma igreja, de uma religião. Sabe-se que esses líderes espirituais estão presentes nas mais variadas fés, como no judaísmo, no cristianismo, no hinduísmo, etc. Conforme Pires (2015), na Umbanda o sacerdote é o “Cacique-chefe do terreiro”.

Dentro do terreiro, há uma hierarquia, sendo que o Diretor Espiritual é o mais alto mandatário, seguido pelo Pai Pequeno e pela Mãe Pequena, que são seus dois auxiliares diretos. Depois há os Médiuns de Incorporação e os Caboclos que ajudam as entidades incorporadas, só depois os frequentadores (LINARES; TRINDADE; COSTA, 2010).

Conforme Linares (2019), o sacerdócio vai além de a pessoa ser chefe de um templo, pois é um papel que exige múltiplos talentos, conexão espiritual com os guias, habilidades administrativas, de gerenciamento de pessoas e de acolhimento amoroso a todos os necessitados.

O fundador da Umbanda, Zélio de Moraes, teria sido o primeiro sacerdote da religião recém-criada. Com o passar do tempo, Moraes começou a preparar novos sacerdotes, então, surgiram as primeiras tendas de Umbanda. Um segundo nome é o de Ronaldo Linares, que conviveu com Zélio de Moraes e foi quem criou o primeiro curso aberto de sacerdotes na Umbanda, ou seja, para qualquer pessoa que quisesse participar e não somente os já adeptos da Umbanda. Por fim, o terceiro nome no que se refere ao surgimento do ensino formal da Umbanda é Rubens Saraceni, que foi preparado por Ronaldo Linares, e idealizou cursos de Desenvolvimento Mediúnico Umbandista, Teologia de Umbanda Sagrada e Sacerdócio de Umbanda Sagrada (RIBAS, 2022).

Capelli (2017, p.55) destaca que os cursos de Rubens Saraceni eram:

[...] responsáveis por captar adeptos e disseminar a Umbanda Sagrada e a Magia Divina de Saraceni. São cursos que tem duração de quatro meses a dois anos. As aulas acontecem em seu terreiro como também nos terreiros filiados a sua associação, através dos médiuns iniciados por Saraceni e por seus livros, que dão a base para os cursos (CAPELLI, 2017, p.55).

Pode-se afirmar que Linhares foi quem iniciou a formação em sacerdócio na Umbanda Sagrada no formato Templo Escola. Em entrevista a Alexandre Cumino – outro importante líder da Umbanda – no Jornal de Umbanda Sagrada, Linares (2008), afirma que o curso que criou não nasceu como um curso para sacerdócio, pois apenas buscavam um lugar para fazer as oferendas. Este local uniu pessoas e serviu para sanar dúvidas frequentes dos adeptos. Assim, encontravam-se uma vez a cada quinze dias, não para fazer trabalho de Umbanda ou para chamar Guias, mas para discutirem sobre as questões da Umbanda, para estudarem.

Para Linares (2008), há diferença entre a formação dentro do terreiro e em um curso sacerdotal. No terreiro o aluno terá apenas a orientação que vem do líder desse grupo, que

pode ter sido, ou não, preparado. E, como os cursos são recentes, principalmente os de sacerdócio, nem todos os antigos sacerdotes (de terreiro) têm o conhecimento. Já se o aluno fez um curso de sacerdócio, ele é um sacerdote formado e as linhas básicas que aprendeu, irá passar para os filhos de fé.

Segundo Pires (2015), a atividade de sacerdote de umbanda (cacique-chefe) exige uma maior influência dos Guias, também chefes, pois sua comunicação sustentará o terreiro enquanto coletividade. Contudo, o sacerdote em Umbanda não necessariamente é o Pai de Santo do Terreiro. Há pessoas que apenas fazem a formação para adquirir conhecimento para si, sem atuar como líder religioso, ou abrir algum terreiro. Segundo Ribas (2022), muitos de seus alunos no curso de Sacerdócio em Umbanda acabam não atuando como líderes religiosos.

## Metodologia

O estudo em questão trata-se de um estudo de caso, localizado no Templo Escola Umbanda Beira Mar, sendo uma pesquisa de natureza qualitativa, baseada em três técnicas de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada e observação.

Inicialmente foi realizada pesquisa bibliográfica, por meio da qual buscamos o devido suporte teórico para a pesquisa, calcada especialmente nos Estudos Culturais. Em um segundo momento, foi realizada, no dia 29 de setembro de 2022, uma entrevista com o estudioso e Presidente Setorial de Folclore e Tradição e Conselheiro de Cultura de Santa Cruz do Sul, Leandro dos Santos, cujo nome sacerdotal é Pai Liban de Ogum. A entrevista foi semiestruturada, com aspectos da metodologia de história de vida, organizada de modo ao entrevistado contar sua história de vida, assim como trazer dados objetivos relacionados à escola e à prática das religiões afro-brasileiras, especialmente na cidade em estudo.

Após o contato com o representante municipal, foi realizada uma observação *in loco* no Templo Escola de Umbanda Beira Mar, na data de 09 de novembro de 2022, a partir de um roteiro pré-estabelecido, que contemplava a visita à escola, com observação da organização física e acadêmica do local. A observação contou com a condução do líder religioso do local, Marcus Vinicius Moura Ribas. Após a visita, foi realizada entrevista semiestruturada com Ribas, explorando aspectos semelhantes ao da entrevista anterior.



## Santa Cruz do Sul e o Templo Escola

A cidade de Santa Cruz do Sul é uma cidade média, situada na região centro-orientando do Rio Grande do Sul, com uma população atual de 133.230 habitantes (IBGE, 2022). Seus primeiros habitantes, evidentemente depois dos nativos indígenas, foram os portugueses, tendo como nome de destaque João Faria que, inclusive, deu o primeiro nome ao local<sup>8</sup>. Acredita-se que, junto a chegada dos portugueses, vieram os africanos e os afrodescendentes – aqueles já nascidos no Brasil<sup>9</sup>.

Obviamente que, mesmo com o projeto colonialista de catequização dos indígenas e de repressão aos negros no Brasil, a cultura de ambos os povos não foi apagada. Inclusive com a chegada dos germânicos na cidade de Santa Cruz do Sul, a partir de 1849<sup>10</sup>, além do catolicismo, o protestantismo se faz ainda muito presente, tanto ocupando edificações na área central na cidade, como marcando festejos oficiais do município. Vale lembrar que isso se deve ao projeto colonizador do Estado brasileiro, que também foi um projeto de branqueamento da população, o que tornou a população de Santa Cruz do Sul numericamente com predomínio dos imigrantes germânicos e posteriormente seus descendentes.

Mesmo assim, com o predomínio dos credos cristãos, a religiosidade dos nativos e dos negros – que até pode ter sido ocultado – não desapareceu. Porque a religião é uma manifestação cultural e a cultura de um povo é algo muito arraigado nos sujeitos, pois os constroem e os colocam no mundo.

As manifestações culturais religiosas africanas foram e são muito importantes para a formação do Brasil. Sabemos que a identidade cultural dos sujeitos se organiza de diferentes formas. Segundo Hall (1997), há três concepções: a do sujeito do iluminismo; a do sujeito sociológico; e a do sujeito pós-moderno. Entende-se aqui a concepção de sujeito sociológico, em que, diferente do sujeito individual, a pessoa não é autônoma, pois depende da relação com os outros. A identidade cultural é feita na interação, no conjunto, afeta às relações de poder que ocorrem entre os grupos sociais. E sabe-se que as manifestações religiosas dos africanos

---

<sup>8</sup> Santa Cruz do Sul chamava-se Faxinal do João Faria, segundo Skolaude, 2008, p.20.

<sup>9</sup> Segundo Speroni (2018, p.18), “No Rio Grande do Sul, os primeiros escravos chegaram antes de 1737, entre os séculos XVIII – XIX, data de ocupação oficial do Rio Grande do Sul, com a fundação do forte JesusMaria-José na Barra, onde hoje é a cidade de Rio Grande”.

<sup>10</sup> Segundo Martin (1999).

desde a chegada ao Brasil foi uma forma de unir o povo e de não perder as raízes, cuja ocorrência é marcada pela condição subalterna do grupo social que a praticava.

Conforme Santos e Alves (2019, p.80), a construção da identidade cultural afrodescendente pode ou deve passar, portanto, pelas religiões afro-brasileiras, como forma de recuperar uma nova identidade social e cultural para os afrodescendentes no Brasil (SANTOS; ALVES, 2019).

Como observa-se aqui, a Umbanda é uma religião agregadora, com influência de várias outras manifestações religiosas e há a presença de pessoas brancas<sup>11</sup>. Inclusive há os que digam que a Umbanda é o embranquecido dos credos primordiais dos pretos e pardos. Nesta linha, a Umbanda é considerada uma religião resultante do hibridismo cultural, hibridismo como conceitualmente os Estudos Culturais caracterizam. E existem indicações disso, pois especialmente no regime militar, na era do presidente Getúlio Vargas, a Umbanda se adaptou, ou se moldou, de tal forma que pudesse ser aceita pela sociedade branca e não perseguida e rechaçada como outros credos afros que tinham seus templos invadidos.

Em Santa Cruz do Sul, o bairro Cambuim (hoje bairro Bom Jesus), foi um importante reduto para as práticas religiosas dos negros. Segundo Skolaude (2008, p.27), o bairro foi criado na década de 1940 pelo Poder Público Municipal para acomodar operários vindos de outras cidades trabalhar na safra de fumo, cultura agrícola predominante na região e que dá base ao setor industrial presente no município e entorno. Com o tempo, muitas pessoas foram morar no local que acolhia a parcela mais pobre da cidade, entre eles, muitos afrodescendentes.

Santos (2022)<sup>12</sup>, traz a sua experiência pessoal e diz:

sou de uma família de descendentes de africanos, sendo que minha avó materna, Dona Otília, veio com 32 anos de idade da cidade de Candelária para Santa Cruz do Sul, onde fundou, no Beco do Caqui, seu terreiro no bairro Bom Jesus, bairro esse que foi o primeiro a ter um terreiro na cidade (SANTOS, 2022).

Como as religiões africanas eram (e ainda são) geralmente transmitidas oralmente, os fiéis tanto praticavam sua religiosidade, quanto alguns com predisposição faziam a sua formação para se tornar sacerdotes, ou Pai e Mãe de Santos dentro do terreiro. Conforme Santos (2022), a formação, especialmente em Batuque/Nação é feita toda dentro do terreiro, o

---

<sup>11</sup> Inclusive Zélio, Linares, etc. são brancos.

<sup>12</sup> Entrevista com Leandro dos Santos.

que foi o seu caso, quando aprendeu na prática com ensinamentos orais (que ele anotava em um caderno) passados a ele por sua avó e por sua mãe.

Hoje, além da formação tradicional e secular em terreiros, quando os mais velhos ensinam os mais jovens, há a possibilidade de formação em Templos Escolas, aqui especificamente, no caso da Umbanda.

## Templo Escola Beira Mar

O Templo Escola de Umbanda Beira Mar (TEUBM), de Santa Cruz do Sul – RS, segundo seu Diretor Espiritual, Marcus Vinicius Moura Ribas (2022)<sup>13</sup>, é uma instituição religiosa que atua nas áreas sociais de: Cultura e Educação, Bem Estar Social, Comunicação, Meio Ambiente e Religioso. Ribas, que foi o fundador do TEUBM, afirma que o templo foi o primeiro templo escola de desenvolvimento de Santa Cruz do Sul, bem como o primeiro do Vale do Rio Pardo. Teve sua fundação no dia 07 de maio de 2011 e é o maior em infraestrutura do Rio Grande do Sul, sendo um dos cinco maiores do país (RIBAS, 2022).

Conforme Ribas (2002), o Templo Escola visa o ensino e a multiplicação do conhecimento multi-religioso, ou seja, em Umbanda. A instituição religiosa tem como intuito a prática do ensino, por meio da própria formação sacerdotal e por meio de oficinas e cursos curtos. Ao todo possui entre 400 e 500 alunos mensais e recebe mais de duas mil visitas por mês.

A formação, no Templo Escola Beira Mar, segundo Ribas (2022), tem raízes nos ensinamentos de terreiro, pois é a origem dos credos afro-religiosos. Contudo, frisa que, como a Umbanda é uma religião múltipla, porque traz várias vertentes de credos, é importante o aprofundamento teórico e da literatura, e isso se dá da seguinte forma na formação teológica no Templo Escola:

Todo Sacerdote precisa receber uma preparação muito boa para que possa exercer todas as múltiplas funções que este cargo religioso exige e também para que possa discutir sua religião com sabedoria e com conhecimento fundamentais acerca do seu universo religioso.

Por isso é necessário que todo Sacerdote Umbandista desenvolva uma consciência voltada para o aprendizado permanente.

CONCEITOS FILOSÓFICOS, TEOLÓGICOS e DOUTRINÁRIOS mais profundos só surgirão com o amadurecimento da própria religião.

---

<sup>13</sup> Entrevista com Marcus Vinicius Moura Ribas.

Desenvolver conceitos próprios na existência de um Deus Único (OLORUM) e na sua manifestação através de suas divindades (os Sagrados Orixás ou Tronos de Deus) (RIBAS, 2022).

A formação no Templo Escola Beira Mar, assim como em outros similares no país, dura 30 meses, cerca de dois anos e meio, e abarca três campos primordiais: a Teologia; a Doutrina; e a Ritualística Umbandista.

**Figura 1: O dirigente do TEUBM, Marcus, ministrando uma das aulas do curso de Sacerdócio em Umbanda Sagrada – aula teórica**



Fonte: Arquivo do TEUBM, 2022.

**Figura 2: O dirigente do TEUBM, Marcus, ministrando uma das aulas do curso de sacerdócio em Umbanda Sagrada – aula prática**



Fonte: Arquivo do TEUBM, 2022.

Conforme Ribas (2022), há uma exceção dentro do Sacerdócio, que é a formação de Sacerdotes Vocacionais. São pessoas voltadas para passar os princípios da religião, sem a necessidade de incorporação, mas através de Cultos Religiosos de Umbanda, passando o conhecimento e as imantações dos Orixás por meio destes cultos e palestras. Ou seja, nem todo sacerdote formado em um Templo Escola será, necessariamente, um Pai de Santo ou líder religioso.

O Tempo Escola Beria Mar, nos seus anos de atuação, formou cerca de 400 pessoas em sacerdócio, sendo que, ao todo, nos variados cursos ofertados na casa, já estudaram mais de 10 mil alunos de Santa Cruz do Sul e região. Segundo seu fundador, os ensinamentos de Umbanda do Templo Escola trazem a cultura da diáspora africana e buscam a equidade e a representatividade de vários povos e credos. Afirma que se sabe que Santa Cruz do Sul é uma cidade de domínio da branquitude. Além disso, diz que o Brasil é um país racista e homofóbico e a umbanda luta contra isso, pois busca a integração. Pai Marcus destaca que antigamente a porta de entrada de um terreiro se dava pelo amor ou pela dor, e hoje, com os Templos Escolas a porta de entrada se dá pelo conhecimento (RIBAS, 2022).

### Considerações finais

Chegando ao fim desse estudo, entende-se que as religiões, tanto as de matriz africana, quanto as afro-brasileiras – no caso a Umbanda, são manifestações culturais em que o afrodescendente consegue se enxergar e se construir enquanto sujeito em uma comunidade. Tanto localmente, quanto a nível de nação. Mesmo a Umbanda sendo uma religião em que não haja somente os credos de origem africana, e mesmo sendo classificada por alguns como “esbranquiçada”, ainda assim é uma maneira de o sujeito negro manifestar a sua origem, uma origem que por séculos tentou-se apagar, após a diáspora da vinda ao Brasil.

A Umbanda é uma religião múltipla, porque engloba o povo que se identifica com os credos de origem africana, com os credos indígenas, espíritas e católicos. É uma manifestação agregadora.

Compreende-se, então, que o surgimento dos Templo Escolas são uma forma de democratizar e de disseminar a religião Umbanda, pois permite que até mesmo quem não seja adepto possa frequentar o curso de sacerdócio (ou cursos curtos) e aprender sobre o credo. Além disso, o Templo Escola não necessariamente forma para que a pessoa seja um sacerdote

líder religioso. Há a possibilidade, que pelo estudo pôde-se perceber, de grande parte dos que frequentam o Templo Escola buscarem o ensino para autoconhecimento.

A criação do Templo Escola Beira Mar, particularmente em uma cidade como Santa Cruz do Sul, com predomínio de uma população e de uma organização cultural predominantemente branca, germânica especialmente, é um aspecto que merece mais estudos, uma vez que esse movimento dá espaço e visibilidade aos segmentos historicamente marginalizados da sociedade, ou seja, os negros, os indígenas e os pobres em geral. Tensiona a relação com a cultura e as estruturas hegemônicas, num movimento que é característico das culturas populares e dos grupos subalternizados.

## Referências

CAPELLI, Carolina. **Entre a lousa e o altar**: a inserção da Magia Divina de Rubens Saraceni nos terreiros de umbanda no estado de São Paulo. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, SÃO CARLOS: 2017.

CORREA, Norton Figueiredo. **O Batuque do Rio Grande do Sul**: Antropologia de uma religião afro-rio-grandense. 2. ed. São Luís: Editora Cultura e Arte, 2006.

GOMES, Daniel. **A figura do príncipe custódio e sua presença no desenvolvimento do batuque em porto alegre**. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/246478?locale-attribute=es>. Acesso em: 01 set. 2022.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. 260p.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

IBGE CIDADES, 2023. Disponível em: <http://www.ibge.cidades.gov.br>. Acesso em: 21 nov. 2023.

JORNAL DE UMBANDA SAGRADA, 2008. Ed. 115. Disponível em: <<http://jornalumbandasagrada.blogspot.com/>>. Acesso em: 01 set. 2022.

KLOPPENBURG, Boaventura. **A Umbanda no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1961.

LINARES, Ronaldo. **Sacerdotisa. A grande mãe**. Disponível em: <<https://santuariodeumbanda.com.br/site/2019/05/22/sacerdotisa-a-grande-mae>>. Acesso em 01 dez. 2022.

LINARES, Ronaldo Antônio; TRINDADE, Diamantino Fernandes; COSTA, Wagner Veneziani. **Iniciação à Umbanda**. São Paulo: Madras, 2010.

MARQUES, Olavo Ramalho. **O mercado sagrado: identidade e territorialidade entre afro-religiosos em Porto Alegre/RS**. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho: Cultura Popular, Patrimônio Imaterial e Cidades. (Coord.) Luciana Carvalho (Iphan) e Sérgio Ivan Gil Braga (Ufam), 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 01 e 04 de junho. Porto Seguro, Bahia, Brasil.

MARTIN, Hardy Elmiro. **Recortes do passado de Santa Cruz do Sul**. Organizado e atualizado por Olgário Vogt, Ana Carla Wünsch. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

MUSEU DE PERCURSO DO NEGRO EM PORTO ALEGRE. Disponível em:  
<<http://museudepercursoadonegroemportoalegre.blogspot.com/p/textos.html>>. Acesso em:  
10 de out. 2022.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **A Escrita do Sagrado na Literatura Umbandista: uma análise da obra de Matta e Silva em perspectiva comparada**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2017.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda: integração de uma religião numa sociedade de classes**. Petrópolis: Vozes, 1978. 205 p.

PIRES, Helaysa Kurtz Gressler. **Dualismo e dualidades nas experiências umbandistas em um terreiro no Rio Grande do Sul**. Dissertação – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2015. Disponível em:  
<[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/17510/DIS\\_PPGCS\\_2015\\_PIRES\\_HELAYSA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/17510/DIS_PPGCS_2015_PIRES_HELAYSA.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 01 dez. 2022.

RIBAS, Marcus Vinicius Moura. Entrevistadora: ALMEIDA, Ana Claudia de; 2022. 1 mídia digital sonora (1h 05seg).

SANTOS. Arlisson da Silva; ALVES, Alessandro Cavassin. Cultura e religião na construção da identidade afrodescendente. **Helleniká–Revista Cultural**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 69-82, jan./dez. 2019 Disponível em:  
<<https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/hellenika/article/view/73/45>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

SANTOS, Leandro dos. Entrevistadora: ALMEIDA, Ana Claudia de; 2022. 1 mídia digital sonora (1h 57seg).

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SKOLAUDE, Mateus Silva. **Identidades rasuradas: o caso da comunidade afrodescendente de Santa Cruz do Sul: 1970-2000**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

SPERONI, Aline. **As religiões afro-gaúchas**. *Caxias do Sul*: Fox Design, 2018.

ZERO HORA. Disponível em:  
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2020/12/uma-divindade-na-encruzilhada-do-mercado-publico-conheca-a-historia-do-barack-ckjahtpb9008m017wfv3qxe9e.html>>. Acesso em: 10 de out. 2022.